

PLATAFORMAS DIGITAIS E JORNALISMO SUBJETIVISTA: TENDÊNCIAS IRRACIONALISTAS

Digital platforms and subjectivist journalism: irrationalist tendencies

Plataformas digitales y periodismo subjetivista: tendencias irracionistas

Rafael Bellan Rodrigues de Souza¹

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i29.14863

Resumo: O texto apresenta uma reflexão teórica sobre um duplo ataque ao jornalismo como forma social de conhecimento: a mecânica de produção ideológica de irracionalismo construída pelas plataformas digitais e a defesa de um jornalismo subjetivista, pautado na revelação de um mosaico de parcialidades. Demonstraremos aqui que há tendências semelhantes e afinidades entre essa vertente do jornalismo e a mecânica de produção irracionalista das redes de desinformação do capitalismo manipulatório (e comunicacional).

Palavras-chave: Jornalismo. Capital. Plataformas. Irracionalismo. Subjetivismo.

Abstract: The text presents a theoretical reflection on a double attack on journalism as a social form of knowledge: the mechanics of ideological production of irrationalism built by digital platforms and the defense of a subjectivist journalism, based on the revelation of a mosaic of biases. We will demonstrate here that there are similar tendencies and affinities between this aspect of journalism and the irrationalist production mechanics of disinformation networks of manipulative (and communicational) capitalism.

Keywords: Journalism. Capital. Platforms. Irrationalism. Subjectivism.

Resumen: El texto presenta una reflexión teórica sobre un doble ataque al periodismo como forma social de conocimiento: los mecanismos de producción ideológica del irracionalismo contruidos por las plataformas digitales y la defensa de un periodismo subjetivista, basado en la revelación de un mosaico de sesgos. Demostraremos aquí que existen tendencias y afinidades similares entre este aspecto del periodismo y la mecánica de producción irracionalista de las redes de desinformación del capitalismo manipulador (y comunicacional).

Palabras-clave: Periodismo. Capital. Plataformas. Irracionalismo. Subjetivismo.

¹ Doutor, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. rafaelbellan@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0003-0165-2927>

Introdução

“Encontramo-nos em um período de desenvolvimento em que o progresso muito rápido da ciência e da tecnologia está amplamente ligado ao estranhamento do homem”, diagnosticava György Lukács (2020b, p. 126) em uma entrevista ao jornal L’Unitá em julho de 1969, no contexto de chegada do homem à Lua. A fala do filósofo húngaro ataca um dos mais relevantes paradoxos da sociabilidade humana estruturada pelo metabolismo social do capital. Em momento chave para a caracterização das conquistas humano-genéricas no século dos extremos - o pouso de um astronauta no satélite que nos orbita - o alerta se faz para a perda de controle social sobre a produção da vida, em que as criações humanas confrontam o próprio sujeito, com uma força hostil e destrutiva. O estranhamento como fenômeno histórico ganha novos contornos com o acelerado desenvolvimento tecnológico, uma vez que ele impede a estruturação plena das relações sociais e cria obstáculos concretos às formas dignas de convívio social.

As plataformas digitais monopolizadas pelas empresas do Vale do Silício, também conhecidas como Big Techs, tornaram-se o território predominante na estruturação das relações sociais. Nelas, embora sob a aparência de meros dispositivos cotidianos de aproximação de pessoas, esconde-se uma gigantesca infraestrutura tecnológica monopólica, em que convergem inovações tecnológicas e empresariais no intuito da adesão massiva ao capitalismo financeiro globalizado.

A esfera digital surge como o local privilegiado para as trocas e relações capitalistas. Tal lógica maquínica de mediação das relações sociais produz novas formas de estranhamento, no sentido expresso por Lukács (2012), de conflito entre o desenvolvimento das capacidades humanas pelas

forças produtivas e a conservação (ou o esfacelamento) da personalidade humana. O modo de produção capitalista contemporâneo expressa a tendência da “(...) manipulação intencional da cognição humana por grandes corporações empresariais a partir dessas tecnologias com vistas à ampliação da acumulação de capitais” (Lippold & Faustino, 2022, p. 58).

O fenômeno conhecido como desinformação desponta como uma questão candente das reflexões em torno das plataformas comunicativas, e é desenhado como um obstáculo para a circulação da produção jornalística. Isso porque, no território digital do capital, impera a circulação de informações que tendem a intensificar os processos de estranhamento, eligindo um senso comum reificado e uma matriz de individualização burguesa, como moedas datificadas da moldagem de interesses. Nos últimos anos, a indústria de produção de notícias foi fagocitada pelas grandes empresas de tecnologias. Elas tornaram-se figura principal de intermediação do comportamento do público com seus interesses noticiosos. A distribuição de notícias fica refém das plataformas, que jamais revelam os mecanismos algorítmicos de definição dos gostos e também da predição e moldagem de vontades e desejos (Jurno, 2021).

Buscamos desenvolver neste texto uma reflexão teórica sobre como o capitalismo manipulatório utiliza as Big Techs com a finalidade de atender seus interesses monopolistas, ao mesmo tempo em que enreda uma ideologia irracionalista no bojo da ambiência de “pós-verdade” que se espraia pela cultura global. Desta feita, há um duplo ataque ao jornalismo como forma social de conhecimento (Genro Filho, 2012) voltado à formação de sujeitos históricos: a mecânica de produção de irracionalismo construída pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs) e a defesa de um jornalismo

subjetivista, pautado na revelação de um mosaico de parcialidades subjetivas (Leal, 2018), variante noticiosa sem amarração concreta com a realidade material, que constrói uma espécie de jornalismo do eu/SA. Esta última tem despontado em ambiente acadêmico e se espreado pelos novos ativismos que despontam nos últimos anos.

Demonstraremos aqui que há afinidades mais ou menos perceptíveis entre essa vertente que prega o “renascimento” do Jornalismo (procurando superar sua matriz positivista eurocentrada patriarcal racista lgbtqiap+fóbica pelo lugar de fala...) e a mecânica de produção irracionalista das redes do capitalismo manipulatório (Lukács, 2013) e comunicacional (Dean, 2022). Também visamos expor as características da base digital e da ação jornalística subjetivista que se aproximam do irracionalismo, o qual, em linhas gerais, pode ser entendido como a fratura entre a aparência e a essência da realidade histórica; neste, processos racionais de conhecimento (em seu complexo de mediações) são reduzidos a expressão da consciência empírica dos sujeitos. A naturalização dos condicionantes sociais dados pela ordem do capital ganha terreno nos imaginários enquanto há um consenso (burguês) da impossibilidade de se conhecer a realidade objetiva.

Redes de desesperança

O encantamento sobre as potencialidades democráticas das redes sociotécnicas, naquilo que Pinto (2005) chamava de maravilhamento, mostrou ser mais uma forma de fetichização da internet do que um prognóstico efetivo dos rumos da comunicação no século XXI. Pioneiro no trato da relação dialética entre tecnologia e relações sociais, Pinto (2005) revela a dimensão metabólica comprometida

com determinada forma de sociedade por trás dos aparatos tecnológicos. Estudos que diagnosticam a desinformação como um problema meramente sistêmico (Pontes, Silva & Souza, 2021), mas que silenciam sobre os condicionantes das estruturas de dominação dos quais ela é expressão social, falham em perceber a nova fase da acumulação do capital.

Ao analisar o fenômeno social em sua essencialidade, pode-se constatar que as chamadas redes sociais seriam redes de programas, voltadas única e exclusivamente à reprodução ampliada do capital, a partir das quais operam e articulam relações complexas entre algoritmos, informática e psicologia comportamental, como forma de captura, controle e domínio da subjetividade dos indivíduos (Lira, 2022, p.107).

As redes sociotécnicas seriam, portanto, ferramentas e dispositivos de manipulação (controle, captura e domínio) de subjetividades. Nesse escopo, a moldagem de interesses realizada pelas plataformas interfere ativamente na formulação de gostos, naquilo que Schneider (2005) considera ser o substrato das ideologias. Jurno (2022) aponta que essas máquinas de visibilidade organizam, hierarquizam e decidem o conteúdo que será visto, sempre segundo seus parâmetros, fazendo com que sejam poderosas máquinas ideológicas. A arquitetura dessas redes, construídas segundo os interesses de lucro dos monopólios do Vale do Silício, induzem e predizem visões de mundo, isso por meio dos algoritmos escondido no uso intuitivo dos usuários. Como aponta Dean (2021, p. 121), a comunicação digital “(...) serve ao capital, seja em suas formas afetivas de cuidado a produtores e consumidores, seja na mobilização do compartilhamento e expressão como instrumentos voltados às “relações humanas” no local de trabalho, ou ainda nas contribuições aos onipresentes circuitos de mídia”.

Apagadas as distinções entre ficção e verdade, entre espetáculo e fatos, as redes turbificam conteúdos, independentes do seu uso social, já que sua lógica atende a circulação e “engajamento”, pois quanto maior o uso dos dispositivos, maior sua capacidade de impacto e lucro. Seria, não obstante, a “produção social da ignorância” (Moretzsonh & Schneider, 2022) o objetivo não declarado desse ambiente de hiperinformação. Além disso, como meios de produção (Williams, 2011), estas redes também transformam perfis digitais em células mercantis, operadores reificados de compra e venda. “Nesse processo de relação social distorcida entre sujeito e objeto, as Big Techs passaram a operar a partir do indivíduo-mercadoria, ou seja, do sujeito que se converte em objeto-mercadoria, na dinâmica e lógica das redes sociais” (Lira, 2022, p. 108).

Hirst (2021) faz um alerta importante sobre a chamada desinformação e seu ambiente de circulação de “fake news”. Para ele, notícias falsas sempre são consideradas aquelas que não seguem a narrativa ideológica aceita socialmente. As clássicas notícias econômicas que consideram o mercado capitalista como estrutura natural do mundo e que o capital é justo, não seriam “fake news”? A turbificação da potencialidade de circular informações inverídicas sobre o todo social, enquanto mecanismo de preservação da mentalidade hegemônica apologética do capital, coloca a visão irracionalista como mecânica das engrenagens algorítmicas. Um dos motivos para isso é a descoberta de que os algoritmos tendem a conduzir as pessoas para conteúdo antissocial e violento, bem como “tretas” e controvérsias pouco relevantes. As redes do capital tentam recompensar seus usuários de forma narcótica, beneficiando narrativas espetaculares capazes de ampliar a sensação de dissociação e desconexão com a realidade. “Conteúdo controverso, altamente emotivo e estimulante é lucrativo porque é psicologicamente excitante e recompensador (ele libera dopamina e outras endorfinas no

cérebro ao longo das sinapses de prazer-recompensa)” (Hirst, 2021, p. 94). O valor comercial da desinformação é muito maior do que o gerado pela disseminação da verdade nos circuitos digitais das TICs.

Lukács (2013) chama de capitalismo manipulatório a entificação do consumo no tempo livre dos seres humanos. O gozo do consumo estranhado é produzido pela manipulação das consciências, em uma ação deliberada do capital para ampliar sua produtividade industrial. As plataformas digitais coroam essa intuição do filósofo húngaro, na medida em que aceleram os aparatos de distribuição e circulação de mercadorias, buscando minimizar o tempo do ciclo do capital (produção, distribuição, consumo).

A inteligência artificial algorítmica administra, organiza, coordena e unifica os novos circuitos do capital, de tal forma a acelerar o processo produtivo e de circulação, tanto do capital quanto do trabalho, por um lado convertendo-o em aparente entretenimento (redes sociais) e por outro instituindo processos complexos e integrados de mais valia absoluto-relativa (nessa nova dinâmica a mais valia se unifica e se dinamiza em um mesmo processo). As plataformas e aplicativos são a manifestação fenomênica do processo (Lira, 2022, p.114).

Na vida digital, todos se tornam empreendedores de si mesmos enquanto são a mercadoria a ser comercializada. A cultura do capital ganha hegemonia nas infovias das redes digitais. Como sua tônica é o fetiche de mercadorias, o júbilo espetacular com o consumo de produtos, serviços, narrativas e perfis ganha a esfera digital e torna-se indutor de estranhamentos e de irracionalismos no complexo social. Ocorre a subsunção dos processos cognitivos da vida cotidiana ao universo digital, capitaneada pelas novas formas de extração de valor. Além disso, tal território digital apresenta sinais de um tipo

novo de colonialismo, posto que há uma perspectiva imperialista de disseminação massiva da ideologia californiana do Vale do Silício. O colonialismo digital é

(...) um dos traços objetivos do atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista e representa um largo passo em direção a uma reificação, cada vez mais profunda, da nossa experiência e senso de realidade, elevando a um novo patamar, a objetificação e mercantilização das relações, das mais simples às mais complexas (Lippold & Faustino, 2022, p. 58).

Aqui já temos subsídios importantes para desenharmos a relação entre capitalismo manipulatório, território tecnológico de expansão de desinformação, ideologia irracionalista e imperialismo. Com essa paisagem, o solucionismo do problema da desinformação, torna-se, ontologicamente, uma questão do ser social em suas saídas para uma vida plena de sentido.

A destruição da razão... de volta

A noção de capitalismo manipulatório (Lukács, 2013) expressa um contexto social de exacerbação da forma mercantil e do consumo que parece se aproximar do papel que as plataformas digitais têm ocupado na captura da subjetividade dos sujeitos. Como infraestrutura de disseminação ideológica, programada para turbificar expressões mais ligadas aos sentimentos, gostos e afetos, independentemente de sua concretude material, as redes sociotécnicas das Big Techs tornaram-se uma esfera de construção do irracionalismo. Isso ocorre porque afetos, emoções, percepções sensoriais imediatas - que são aspectos universais da vida espiritual humana - passam a ser mediadas e escalonadas pela cristalização e hierarquização estranhada, algo que gesta a barbarização dessas experiências. Tais percepções subjetivas são hipostasiadas e congeladas no eterno presente dos feeds

das redes sociais, minimizando as possibilidades emancipatórias e éticas dessas expressões. O irracionalismo pode ser percebido em sua intenção de oferecer aos seres humanos um conforto nas suas concepções de mundo, propagandeando a ilusão de uma liberdade completa, uma fantasia de independência para com os determinantes sociais. “É aqui que encontramos o elemento mais importante da ideologia irracionalista: transformar, mistificando-a, a condição do homem do capitalismo imperialista em uma condição humana geral e universal” (Lukács, 1979, p.57).

Assim como há a reversão das forças produtivas capitalistas em forças destrutivas, a potencialidade de ampliação das capacidades humanas por conta dos desenvolvimentos tecnológicos também passa a ser corrosiva, ampliando a submissão da vida a imperativos incontroláveis e irracionais. Em uma sociedade com alto grau de manipulação da subjetividade, dirigida pelo imperativo de expansão do capital, a elevação da intuição, do mito e da fetichização individualista das experiências sociais - como mecanismo de conhecimento do mundo - solapa o projeto humanista de construção da personalidade e da vida social, pautadas em igualdade substantiva.

O entendimento de que a desinformação seria uma “ação nas redes”, que poderia ser dirimida por regulação estatal, começa a ficar enevoadada quando entendemos sua relação com a cultura e com o panorama ideológico da época. Tempo histórico em que se destaca o embrutecimento dos afetos como expressão subjetiva da crise estrutural do capital (Mészáros, 2002). Corrosão do caráter, destruição ambiental, violência, crise humanitária, desemprego estrutural, guerras, fome são epifenômenos da incontrolabilidade do capital, sem controle na produção material da sociedade, sem razão na composição das subjetividades. Crise do capital e irracionalismo são processos que se

encontram quando tentamos compreender o cenário de digitalização da vida social pilotado pelas empresas monopólicas do setor. A produção contínua e ampliada do capital encontra no irracionalismo ideológico sua forma mais acabada, pois desarticula, da direita fascista à esquerda neoliberal progressista, o sujeito coletivo capaz de lhe fazer frente. “É por isso que as questões fundamentais de nossa época devem encontrar suas manifestações nas ‘formas ideológicas (praticamente orientadas)’, sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim” (Mészáros, 2011).

Desde o período de ascensão da decadência ideológica da burguesia (Lukács, 2016) o papel progressista da classe dominante no sentido de uma expansão das potencialidades humanas foi substituído pela apologia desmedida do sistema de metabolismo social do capital. A busca pela verdade e pela razão dialética, compreendida como a compreensão do papel humano na construção da história, é reduzida a “espadacharia mercenária” apologética (Netto, 2010). Como diz Mészáros (2011), a ideologia pode ou não estar atrelada à ideia de “falsa consciência”, a depender da circunstância determinada. A busca da verdade, portanto, é profundamente atravessada pela luta de classes.

Como forma ideologicamente mediada de consciência social, as infraestruturas das plataformas digitais são expressão técnica e informática das intencionalidades humanas. As Big Techs colocam-se, desde sua programação tecnológica até a dinâmica de troca mercantil que ocorre em seu território, como agentes mecânicos da produção manipulatória de circulação fetichizada de conteúdos afetivos, produzindo uma esfera figurativa e gerencial da circulação de expressões irracionistas. Com isso, precisamos “(...) nos atentar para a exploração das emoções do público, que já produziu seus efeitos

deletérios em várias partes do mundo, com a onda de apoio a líderes de extrema-direita ou assumidamente fascistas” (Moretzsohn & Schneider, 2022, p. 116).

Lukács (2020a) aponta como características do irracionalismo o rebaixamento das categorias de entendimento e razão, a defesa apaixonada da intuição, a recusa da noção de progresso sócio-histórico e a produção de mitos como uma constante nesse tipo de pensamento. Para ele, trata-se de, mais do que a produção filosófica de um ou outro ideólogo, do solo material dos conflitos sociais.

(...) as diferentes etapas do irracionalismo surgiram como respostas reacionárias a problemas da luta de classes. O conteúdo, a forma, o método, o tom etc. de sua reação contra o progresso na sociedade não são determinados por tal dialética interna própria ao pensamento, mas, sobretudo, pelo adversário, pelas condições de luta, que são impostas à bourgeoisie reacionária. Isso precisa ser fixado como princípio básico do desenvolvimento do irracionalismo (Lukács, 2020a, p. 15).

Uma orientação do irracionalismo está em ofertar certo conforto às pessoas no sentido de suas concepções de mundo, oferecendo a elas a ilusão de liberdade e autonomia, bem como de sua independência, tudo isso enquanto solapa uma recusa à realidade objetiva e sua possibilidade de conhecimento, sendo que para tal ideologia, só se compreende o mundo pela empiria técnica ou pela apreensão subjetiva e intuitiva do mundo. Destarte, na dialética entre fenômeno e essência, o segundo é abandonado em prol de uma experiência fetichizada da jornada social individual. É um obstáculo à autoconsciência teórica da classe trabalhadora no rumo de sua emancipação, dado que as visões irracionalistas estão amplamente solidificadas na vida cotidiana midiaticizada, sem que os sujeitos as percebam.

Foster (2023) tece uma importante relação entre o irracionalismo e o estágio imperialista do capitalismo, seguindo Lukács ao perceber uma ditadura do capitalismo monopolista, instituída por meios democráticos formais. O imperialismo americano tardio subordinaria a esquerda ocidental, fragilizando sua posição enquanto difunde o irracionalismo como sua contraparte ideológica. “O imperialismo tardio, nesse sentido, corresponde cronologicamente ao fim da Segunda Guerra Mundial, ao surgimento da era nuclear e ao início do Antropoceno na história geológica, o que marca o advento da crise ecológica planetária” (Foster, 2023, p. 6). O irracionalismo teria assim o papel de retirar de qualquer classe potencialmente revolucionária o instrumento da razão dialética e crítica ontológica, colocando em seu lugar o instinto, o mito.

O imperialismo contemporâneo delimita uma nova partilha do mundo, em que a mineração de dados se torna bem valioso para as empresas do Vale do Silício, que os aproveitam privadamente. Os grandes monopólios sugam as informações dos sistemas de saúde, da educação, das redes em geral, capturando da esfera pública dados que podem ampliar sua acumulação capitalista. “Esse violento extrativismo, no entanto, não é um mero discurso de poder, mas o reflexo de uma disputa pelas novas matérias primas indispensáveis à ampliação e expropriação das frações de mais valor: os dados” (Lippold & Faustino, 2022, p. 64). Embora se invisibilize o escopo material das nuvens digitais, a economia material é o hardware dos softwares que parecem brotar magicamente dos dispositivos digitais.

Outro elemento relacionado à materialidade concreta do colonialismo digital se apresenta através do controle monopolista da infraestrutura de hardware e software de redes, data centers, servidores e controle da força de trabalho, do cognitariado e precariado, que são a carne a ser moída para a

acumulação atual, programando e pedalando, sendo colocados como biorobôs que executam ordens emitidas por uma voz robotizada, controlada pela I.A. da plataforma. Uma ciborguização alienante, onde o conhecimento evanesce e é proclamado o reino dataísta, o fetiche pelos dados e a morte da narrativa (Lippold & Faustino, 2022, p. 68).

Nessas circunstâncias, novamente na história se combinam imperialismo e irracionalismo e o clima intelectual dominante passa a intensificar seu ataque contínuo à cognição racional, misturando um fascínio pela negatividade e pelo niilismo, com a assertiva thatcherista de que “não há alternativa” à ordem sociometabólica do capital.

Subjetivismo como saída para o jornalismo

O pensamento irracionalista, além de ser a tônica das redes digitais do capitalismo manipulatório, que se aproxima da definição do capitalismo comunicacional (Dean, 2021), ganha hegemonia também nos meios acadêmicos e se espalha rapidamente pela sociedade civil. Assim, uma crítica importante sobre os rumos da imprensa burguesa, logo se torna defesa incondicional do individualismo subjetivo, confundido muitas vezes com um tipo de ativismo por um capitalismo humanizado e plural, capaz de atender as identidades em novos regimes de visibilidade. O combate à desinformação seria um “giro da curvatura da vara” das definições positivistas de objetividade, pela instituição da subjetividade e da interpretação como validação dos fatos jornalísticos. Em um caldo teórico eclético, mas com clara matriz no pós-estruturalismo e pós-modernismo, tais correntes se apropriam de mantras e discursos desenhados por Foster (2022) como novo irracionalismo, ou Netto (2011) como neoirracionalismo.

Com a iniciativa de apontar saídas para o jornalismo em tempos de perda de sua autoridade e de ambiência desinformativa, propostas como o “jornalismo de subjetividade” (Moraes, 2022) buscam refúgio na experiência e nos lugares de fala, entendendo que a missão do jornalismo de vertente crítica e ativista deveria se ater ao caldo eclético das identidades, proporcionando um mosaico de parcialidades (Leal, 2018) nas infovias das redes. De aparência pseudo-rebelde, todavia, tal articulação jornalística não rompe com a perspectiva irracionalista, ao contrário, a dissemina (Souza, 2023).

Ao hipostasiar a sensibilidade imediatista como órgão supremo de apreensão ideal, apartando a subjetividade individual da objetividade social concreta dada no sistema de metabolismo social do capital, essa tendência sucumbe aos estranhamentos impostos por tal sociedade. O método de apreensão da realidade, nesta vertente, “(...) liga a verdade à intuição e converte o objeto numa vivência do sujeito” (Coutinho, 2010, p. 49). O jornalismo subjetivista seria assim parte de um paradigma epistemológico concentrado nas percepções subjetivas e experiências absorvidas individualmente, na maior parte das vezes ignorando ou silenciando-se sobre as causalidades históricas concretas das contradições sociais produzidas no interior da sociedade capitalista. Além disso, essa modalidade reduz o ativismo dos repórteres ao progressismo cultural desconstrucionista que aposta em novos regimes de visibilidade, sendo uma espécie de jornalismo do eu/SA de cunho identitário.

Barsotti e Vieira (2023) analisam a proximidade entre a defesa subjetivista de Moraes (2022) e as falas de jornalistas de nove arranjos econômicos jornalísticos disseminados pela internet e que fazem parte da Ajour (Associação de Jornalismo Digital): Alma Preta, Amazônia Real, Canal Meio, #Colabora, Congresso em Foco, Ponte Jornalismo, Portal Catarinas, Marco Zero e Repórter Brasil. A crítica à

objetividade e a defesa de um jornalismo de causas se manifesta nas entrevistas e recebe destaque na análise. Contudo, causam espanto os silêncios de tal perspectiva: nem uma palavra sobre o modo de vida capitalista e a relação entre as opressões e as condições materiais que o alicerçam, nem uma expressão sobre o contexto histórico do capitalismo racista patriarcal, nem um debate crítico sobre a relação das Big Techs com os estranhamentos da subjetividade...

As autoras apontam que o jornalismo de subjetividade e seu ativismo mantêm os procedimentos canonizados de feitura da notícia, entre os quais “a apuração ampla (entrevistas, consultas bibliográficas, observação in loco); a checagem de dados; a confirmação e entrecruzamento de informações; escrita acessível a um público mais amplo; busca de fontes variadas; fidelidade ao que foi declarado e/ou divulgado” (Barsotti e Vieira, 2023, p. 9). Paradoxalmente, contudo, o momento predominante da produção noticiosa estaria no ente subjetivo, que ganha atributos superlativos na interpretação desse real histórico (que não pode ser avaliado pela razão – sempre identificada com opressão). A extrema confiança no polo subjetivo é apresentada como se desgarrada de sua produção social estranhada porque a pergunta sobre o que produziu a subjetividade desaparece do argumento. O foco é combater a ideia neopositivista de objetividade usada pelo jornalismo convencional, com o êxtase individualizado dos oprimidos em suas configurações singulares. A fraseologia anti-universalista se coaduna com o silêncio sobre o capitalismo avançado enquanto o derrotismo político sobre mudanças econômicas é animado pelo fascínio “estetizante de novas formas de vida” (Arantes, 2021, p. 44).

Uma longa citação de Wood (1996) é necessária para demarcarmos mais claramente como a ideologia francesa (Arantes, 2021), de clara matriz irracionalista (Lukács, 2020) em suas inúmeras derivações, estrutura a agenda do jornalismo subjetivista:

(...) ênfase na linguagem, na cultura e no "discurso" (com o argumento de que a linguagem é tudo o que podemos conhecer sobre o mundo e de que não temos acesso a nenhuma outra realidade), em detrimento das preocupações "economicistas" tradicionais da esquerda e das velhas preocupações da economia política; rejeição do conhecimento "totalizante" e dos valores "universalistas" (incluindo as concepções ocidentais de "racionalidade", as idéias gerais de igualdade, liberais ou socialistas, e a concepção marxista da emancipação humana geral), em benefício da ênfase na "diferença", em identidades particulares diversas como gênero, raça, etnicidade, sexualidade e em várias opressões e lutas particulares e separadas; insistência na natureza fluida e fragmentada do eu humano (o "sujeito descentrado"), que toma nossas identidades de tal modo variáveis, incertas e frágeis, que é difícil ver como podemos desenvolver o tipo de consciência capaz de formar a base para a solidariedade e a ação coletivas fundadas numa "identidade" social comum (como a classe), numa experiência e em interesses comuns - uma exaltação do "marginal" -; e repúdio das "grandes narrativas", tais como as idéias ocidentais de progresso, incluindo as teorias marxistas da história (p.123).

Fuchs (2016) apresenta como os estudos não-críticos da chamada cibercultura, se concentraram em questões das diferenças culturais, principalmente em raça, etnia, gênero e sexualidade, e produziram um embaraçoso silêncio sobre as classes sociais. A ênfase pós-modernista nos fragmentos e na fluidez ganha terreno nas teorias progressistas, contudo, não percebe a relação entre as opressões, suas experiências, e as dimensões estruturantes do capitalismo tardio, em sua ênfase neoliberal. Assim, há afinidades entre a produção destrutiva capitalista e o culto à diferença sem totalidade.

A lógica fetichista do capital combina de forma dialética a privatização da vida cotidiana, o culto à identidade micro e aos guetos, com a expansão totalizante e mundializada dos mercados globais, isto é, a postura pós-moderna com a lógica do capitalismo neoliberal e mundializado (Carcanholo & Baruco, 2009).

Dean (2022) demonstra como o silêncio sobre as dinâmicas do capital faz com que as perspectivas dessa esquerda subjetivista não toquem na crítica à ditadura do capital que se faz no Estado, nem questione a propriedade privada dos meios de produção, nem mesmo aponte que as individualidades na sociedade do capital estão sempre cruzadas pelas atividades mercantis. “No capitalismo comunicativo, os atos individuais de resistência, subversão, produção cultural e expressão de opinião, por mais corajosos que sejam, são facilmente absorvidos pelo conteúdo circulatório das redes globais de mídia pessoal” (Dean, 2022, p. 392). Com a exaltação da subjetividade como ferramenta de conhecimento social, há uma adesão ao existente, ao imediato, o que produz um estranhamento que singulariza (sem mediações com a totalidade) as experiências e sentires individuais.

Assim, o mundo imediato projeta subjetividades em-si-mesmas, na e a partir das quais naturaliza-se o indivíduo, como única existência concreta da vida social. Nesse sentido, torna-se cada vez mais complexo estabelecer níveis e formas de associação, identidade e pertencimento social, fundamentalmente, naquilo que diz respeito à classe social (Lira, 2022, p.127).

Ao destinar ao jornalismo um papel que mais se assemelha a uma curadoria das subjetividades em seus lugares de fala, a tendência subjetivista tem se regozijado de sua aparência, de fragmentação identitária e pautas pontuais na arena social e cultural, sem perceber que tais processos de individuação neoliberal expressam a sua saturação enquanto operadora política. O foco do jornalismo ficaria restrito a auxiliar na circulação da indignação identitária nas redes afetivas das Big Techs e exaltar práticas de denunciamento e cancelamentos. A política coletiva e transformadora encontra sua erosão

quando se estabelece o “(...) complexo policiamento mútuo de quem pode ou não pode reivindicar qual identidade sob quais condições e o que autoriza tal reivindicação” (Dean, 2022, p. 311). As identidades imaginárias ganham maior expressão no capitalismo comunicacional (Dean, 2021), superando as identidades simbólicas. As simbólicas são definições não ancoradas em expressões coletivas mais amplas, enquanto as primeiras são compostas por autoimagens imbricadas no fetiche de mercadoria. “As interações em rede do capitalismo comunicativo não fornecem identidades simbólicas – lugares de onde vemos nós mesmos como loci de ação coletiva. Em vez disso, oferecem oportunidades para novas formas de imaginar a mim mesmo, em uma variedade de estilos de vida que posso experimentar seguida e continuamente” (Dean, 2021, p.124). Como aponta Coutinho (2010), a subjetividade torna-se um fetiche vazio quando é desligada das objetivações concretas que a ela estão entrelaçadas dialeticamente. Propondo-se como insurgente no sentido de tensionar uma hegemonia racista, patriarcal e eurocêntrica, essas iniciativas buscam modificar a cultura, acreditando que assim podem produzir formas de vida livres mas, sem que percebam, terminam adequando tais disputas ao território digital, que torna a diversidade de existências uma mercadoria informacional para circular nas redes.

Desse modo, toda a ideologia californiana de produção de indivíduos plurais singularizados em uma expressão contábil de empreendedor de si, parece conformar o neorracionalismo subjetivista - apresentado como solução para os dilemas da crise do jornalismo. Isso porque a experiência de opressão individual é o capital a ser mercantilizado nas redes do capitalismo manipulatório, uma espécie de startup que ganha mais destaque quanto mais mobiliza afetos (mesmo que por vezes solidários ou resistentes) de seguidores. O mercado de dados e o comércio nichado agradece. O jornalismo do eu/S.A (de ethos subjetivo individualizado) absorve um tipo de linguagem empreendedora

pós-moderna e, ainda que se pautem contra opressões substantivamente reais, torna as reivindicações identitárias mercadorias do capitalismo comunicativo. Esse material jornalístico não vislumbra um horizonte coletivo e de política antissistêmica, produzindo ainda mais conteúdo emocional para a circulação irracionalista do colonialismo digital das Big Techs. Não aponta para a desconfiguração da maquinária monopólica do território digital, nem visa modificar o metabolismo do capital que estrutura o par subjetividade/objetividade.

Considerações Finais

Com o encontro histórico entre a crise do sistema sociometabólico do capital e o irracionalismo como sua ideologia prioritária (arquitetada, como vimos, nas infovias das redes sociotécnicas), percebe-se que cotidianamente se sedimenta a perda da condução da vida econômica e afetiva da humanidade. Fenômenos como a desinformação são parte deste processo, que em uma análise de matriz dialética também revelam ser parte de um tipo de subjetivismo, orientado politicamente para a corrosão da esfera pública. Contudo, iniciativas que colocam o jornalismo como um expositor distante de um mosaico de parcialidades subjetivas, ou como uma iniciativa identitária de matriz empreendedora, também se apresentam como parte do mesmo irracionalismo que caracteriza a desinformação contemporânea, popularmente difundido na alcunha de “pós-verdade”.

Tais teorias e práticas se esquivam de abordar, com o suporte da razão dialética, a objetividade social, seus condicionantes, bem como seus impactos na formação de identidades e também na intensificação da intolerância. Uma visão que concentra a luta contra as opressões em seus aspectos

singulares, com particularizações cada vez mais numerosas e plurais (quando anunciadas) apartadas da universalidade (sempre associada a totalitarismos) torna-se presa fácil para o liberalismo, que hegemoniza, por cooptação, demandas genuínas da classe trabalhadora (que tem raça, gênero e demandas no campo da sexualidade). Ao cristalizar tais lutas em um conteúdo identitário fragmentado e bem acabado para a circulação nas redes de desinformação, o jornalismo subjetivista perde o horizonte de transformações profundas e torna-se um aparelho do neoliberalismo progressista.

O papel das Big Techs na composição das subjetividades e na alteração da cognição humana seguindo preceitos imperiais de um colonialismo digital precisa ser enfrentada pelas organizações de verve emancipatória. Afinal, a subjetividade contemporânea é atravessada pela sua moldagem cotidiana. A produção massiva de ignorância é parte da estruturação, sempre em processo constante e dinâmico, do chamado capitalismo comunicativo (Dean, 2022). A ode à subjetividade estranhada não pode, assim, ser considerada a saída para a dimensão material e econômica da fabricação do cimento social capitalista (em uma espécie de revezamento político e disputas entre neoliberalismo progressista e ultraliberalismo). A fetichização tanto do ambiente digital de circulação dos conteúdos jornalísticos quanto das identidades imaginárias tornam-se desafios concretos para o combate à esfera desinformativa do capitalismo manipulatório.

Sem o debate sobre as classes sociais e sem um horizonte de formação de sujeitos capazes de enfrentar o sistema do capital em suas infovias e também na materialidade da vida social, o jornalismo fica bloqueado de sua potencialidade, a saber, a de trazer à tona, pela via do singular (Genro Filho, 2012) a essência dos fenômenos, suas conexões particulares e universais, sempre buscando tecer,

com o suporte da razão dialética, uma análise concreta da situação concreta, investigando suas múltiplas determinações.

Referências

Arantes, P. (2021). *A formação da desconstrução: museu da ideologia francesa*. São Paulo: Editora 34.

Barsotti, A., & Vieira, A. (2023). É possível um jornalismo ativista? As tensões no ethos profissional assentado na objetividade. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1597. <https://doi.org/10.25200/BJR.v19n3.2023.1597>

Carcanholo, M; Baruco, G. (2009). Pós-modernismo e neoliberalismo: duas facetas ideológico-políticas de uma pretensa nova era. *Revista Lutas Sociais*, PUC, n. 21 e 22.

Coutinho, C. N. (2010). *O estruturalismo e a miséria da razão*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular.

Dean, J. (2022). Capitalismo comunicativo e luta de classes. *Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia*, 0(61), 115-138. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46542>. Acesso em fevereiro de 2022.

Dean, J. (2022). *Multidões e partido*. São Paulo: Editora Boitempo.

Foster, J. B. (2023). O novo irracionalismo. Trad. *Leia Marxistas*. Maio, 2023. Publicado originalmente em Monthly Review em 1º de fevereiro. Disponível em <https://leiamarxistas.medium.com/o-novo-irracionalismo-parte-1-22137b3e633e>

Fuchs, C. (2016). Em direção a uma problemática marxista de estudos sobre a internet. *Crítica Marxista*, n.43, p.67-93.

Genro Filho, Adelmo. (2012). *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular.

Hirst, M. (2021). A desinformação sob a ótica da Economia Política da Comunicação. Entrevista dada a Jonas Valente. *Revista EPTIC*, vol. 23, nº 1, jan.-abr.

Jurno, A. C. (2021). Plataforma, algoritmos e moldagem de interesses. *Revista Margem Esquerda*, 36. São Paulo: Editora Boitempo.

Lippold, W. e Faustino, D. (2022). Colonialismo digital, racismo e a acumulação primitiva de dados. *Revista Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v.14, n.2, p.56-78. ago.

Leal, L. (2018). Ideology, Alienation and Reification: concepts for a Radical Theory of Communication in Contemporary Capitalism. *Triple C*, v.16, n. 2.

Lukács, G. (2020a). *A destruição da razão*. São Paulo: Instituto Lukács.

Lukács, G. (2020b). *Essenciais são os livros não escritos*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Lukács, G. (1979). *Existencialismo ou Marxismo*. São Paulo: Editora Ciências Humanas.

Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

Lukács, G. (2016). *Marx e Engels como historiadores da literatura*. São Paulo: Boitempo.

Mészáros, I. (2011). *Estrutura Social e Formas de Consciência II: a dialética da estrutura e da história*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Mészáros, I. (2002). *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Moretzsohn, S. e Schneider, M. (2022). Sobre flores, grilhões, consciência e afetos: a disputa pela captura do gosto para desmontar as engrenagens de produção social da ignorância. *Revista EPTIC*, v. 24, n.1, p. 107-124.

Moraes, F. (2022). *A pauta é uma arma de combate*. Porto Alegre: Arquipélago.

Netto, J. P. (2010). Posfácio. In: Coutinho, C. N. *O estruturalismo e a miséria da razão*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular.

Pinto, A. V. (2005). *O conceito de tecnologia*. v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto.

Pontes, F.; Silva, M. P. e Souza, R. B. R. de. (2021). Jornalismo e conhecimento em tempos de capitalismo pandêmico: um manifesto à totalidade concreta. *Revista Líbero*: São Paulo, Brasil, ano 24, n. 49, set./dez.

Schneider, M. (2015). *A dialética do gosto: informação, música e política*. Rio de Janeiro: Faperj/Circuito.

Souza, R. B. R. de (2023). O jornalismo crítico-emancipatório como “arma de combate”: aportes marxistas para a superação do subjetivismo. *Revista EPTIC*, 25(2), 114–131. <https://doi.org/10.54786/revistaeptic.v25i2.19218>

Williams, R. (2011). *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora UNESP.

Wood, E. (1996). *Em defesa da história: o marxismo e a agenda pós-moderna*. *Revista Crítica Marxista*, [s. l.], n. 3, p. 118-127. Antunes, E.; Gutmann, J. F., Maia, J. P. (2018). No tempo do Zoio: matrizes midiáticas, temporalidades e YouTube. *Revista Contracampo*, 37(3), 106–125. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v37i3.26999>